

Millenium, 2(Edição Especial Nº13)

pt

**EM TEMPOS DE CRI(S)E
IN TIMES OF CRI(S)E
EN TIEMPOS DE CRI(S)IS**

Isabel Bica¹  <https://orcid.org/0000-0002-7019-0132>

¹Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde, Viseu, Portugal

Isabel Bica – isabelbica@gmail.com



Autor Correspondente:

Isabel Bica

Rua D. João Crisóstomo Gomes de Almeida nº102

3500-843 - Viseu - Portugal

isabelbica@gmail.com

RECEBIDO: 13 de julho de 2023

ACEITE: 13 de julho de 2023

PUBLICADO: 24 de julho de 2023

DOI: <https://doi.org/10.29352/mill0213e.32297>

EDITORIAL

EM TEMPOS DE CRI(S)E

Quando pensamos em crise agregamos de imediato a várias palavras: mudança, ansiedade, oportunidade, crescimento, vida, instabilidade, insegurança, descoberta, alternativa, paciência, criatividade, conflito, desafio, esforço, rutura, esperança, resiliência e transformação.

Apesar de frequentemente se associar a crise a algo que é menos bom como a rutura, a incerteza, o sofrimento, ela pode ser uma oportunidade de crescimento e não necessariamente perigo ou risco.

O ser humano está permanentemente em crise porque se encontra continuamente em mudança individual ao longo do seu ciclo vital, na família, na sociedade, no mundo, daí que a palavra mais pronunciada atualmente seja “crise”. A própria pandemia por COVID-19, a guerra na Europa, a inflação que lhe está associada, as alterações climáticas, induzem a uma mudança constante na vida das pessoas, das famílias, das sociedades e do mundo.

Quando o assunto é “crise” são analisadas as mudanças que a crise provoca na vida das pessoas ou “o que” ou “quem” provocou a crise. Isto ajuda a entender e resolver o problema? A encontrar soluções? Ou faz aumentar a sensação da existência de uma ameaça?

A palavra CRISE em si mesma permite a transformação/mudança então, em tempo de **CRISE**, retire-se-lhe o **S** e CRI(S)E = **CRIE**, como refere Minuchin (1979) a crise é uma oportunidade de mudança e que se esta não acontecer corremos o risco de desenvolver uma patologia/um problema. A mudança para ser efetiva não deve ser uma mudança de 1ª ordem, mudança quantitativa (a mudança para a não mudança), terá de ser uma mudança qualitativa de 2ª ordem, na terminologia da Escola de Paulo Alto (Watzlawick; Weakland & Fisch, 1975).

Qual é o real significado da crise e porque é que acontecem as crises? Vamos imaginar uma família..., um mundo... sem crise. Será que a crise, em si, não é um mecanismo indutor “da vida”, obrigando por esta via a que aconteçam mudanças?

Ao pensar na família, nas variantes ao ciclo vital da família, por exemplo na monoparental é em si a confirmação de uma mudança social. A adolescência dos filhos, contém, em si, pelo menos duas crises: a crise da adolescência, afirmação ou dificuldade de afirmação entre os pares e a crise que enfrenta na família, especialmente quando sai do padrão, da norma socialmente instituída. A falta de aceitação, de apoio e de sentimento de pertença ao grupo e à família e sociedade, é nefasta.

A crise pós-pandémica, a guerra que se vive, sobretudo na Europa, as alterações climáticas, também se estão a revelar muito nefastas.

Nestes casos, estas crises apesar de menos boas ajudam as pessoas e a sociedade a evoluir. Podemos dizer que existe uma “força” que conjugada com a evidência científica faz com que aconteçam transformações múltiplas, complexas e sistémicas. Sem essas mudanças não aconteceria o progresso, a evolução/transformação no indivíduo, nas famílias, nas empresas, nas sociedades e no mundo.

Será que a humanidade procuraria espontaneamente progredir sem uma ameaça? Uma crise força uma mudança e acelera o progresso.

A crise na vida pessoal, na família, na sociedade, é um sinal para promover uma mudança. Sem este processo, o indivíduo e as entidades continuariam estagnadas.

A crise accidental como a financeira ou a crise na saúde (doença) é o “*alerta da Vida*” para transmitir que é hora de mudar. Em síntese, a crise, não é má, nem é boa. A pessoa, a família, a empresa, a sociedade, têm a escolha de promover a mudança para o melhor ou para o pior. A função do profissional da *saúde, educação, gestão/finança/economia/informática, serviços e políticas*, será ajudar/empoderar o indivíduo, a família, as empresas, a comunidade/sociedade, a considerar/encontrar soluções para encarar a crise como uma oportunidade de mudar o percurso da sua vida/ciclo, para a melhor resolução das problemáticas ou maior satisfação/sustentabilidade das vivências/processos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Minuchin, S. (1979). *Families en thérapie*. Ed. Jean-Pierre Delarge.

Watzlawick, P., Weakland, J. H., & Fisch, R. (1975). *Changements: Paradoxes et psychothérapie*. Essais.